

## **José e Asseneth - Pensando Identidade e Etnia a partir do Texto e seu Contexto**

***Francisca Rosa da Silva e Ruthe Ventura Cuesta\****

### **Resumo**

O artigo visa apresentar o texto apócrifo de “José e Asseneth” como apresentação da visão de mundo dos judeus da diáspora no período entre os séculos 1º a.C e 1º d.C, ressaltando a necessidade de estabelecimento de identidade do grupo não mais a partir da hereditariedade, mas baseada cada vez mais na questão religiosa. Embora ainda seja presente a idéia da separação de grupos entre o “verdadeiro Israel” e os “outros” (pagão), essa fronteira passa a ser estabelecida pela fé e pureza rituais, permitindo a conversão de pessoas de outras etnias, uma vez que não basta mais ser “filho de Abraão” para pertencer ao grupo.

**Palavras chave:** identidade judaica, etnia, proselitismo, conversão.

### **Abstract**

The article aims to present the apocryphal text of "Joseph and Asseneth" as a representation of the Jews' world vision of the diáspora in the period between the centuries 1 bC and 1 aC, emphasizing the need of the identity establishment of the group no more starting from the hereditariness, but based more and more on the religious subject. Although it is still present the idea of the separation of groups among "true Israel" and the "other" ones (pagan), that border starts to be established by the faith and purity rituals, allowing people's conversion of other ethnics, once more being "son of Abraham" is not enough to belong to the group.

**key Words:** Jewish identity, ethnic, proselytism, conversion.

---

\* Mestradas em Ciências da Religião da UMEESP.

## ***José e Asseneth, o livro***

O livro de *José e Asseneth* é um escrito apócrifo cuja origem, datação e autoria são ainda muito questionadas. No entanto, é possível, através do material existente, estabelecer padrões e limites que nos permitem analisar o texto com certo grau de segurança, e discernir, a partir dessa análise (especialmente do conteúdo dos manuscritos disponíveis) algo acerca da obra, de seu objetivo e contexto.

Trata-se de uma novela romântica cuja versão utilizada apresenta 29 capítulos<sup>1</sup>, e cuja história (ou histórias) é apresentada em duas sessões: a primeira, que vai dos capítulos 1 a 21, apresenta a história da conversão de Asseneth e seu casamento com José, num tom bastante “novelístico”. Os capítulos 22 a 29 apresentam um tom mais épico, com uma aventura que lembra a literatura épica grega, com seus heróis (e heroínas) e vilões. Embora exista a possibilidade de que as histórias tenham tido origens diferentes, podemos pensar que essa composição do texto é bastante interessante, uma vez que a trama da primeira parte da história parece preparar os “heróis” para o desenvolvimento dessa segunda parte, como veremos a seguir.

Embora existam dificuldades em relação às pesquisas sobre o texto no que tange à crítica textual e à definição da versão “original” do mesmo, como mencionamos anteriormente, os estudiosos têm chegado a um consenso no que diz respeito ao estabelecimento de alguns limites do mesmo. Dessa forma, quanto à datação, o período de escrituração é compreendido entre os anos 100 AC e 100 AD. O autor, ao se considerar o estilo do grego do texto (“bárbaro” e pobre em vocabulário, com muitas palavras derivadas da Septuaginta), seria um

---

<sup>1</sup> Existe uma discussão entre os estudiosos acerca da composição do texto, pois há diferenças entre os manuscritos, que apresentam várias versões do mesmo, que geraram duas edições: uma mais curta, com a qual trabalhamos através da tradução de M. Philonenko, e outra mais longa, sugerida especialmente por Burchard, C., a qual infelizmente não tivemos acesso. Não nos ateremos, entretanto, à discussão textual acerca das versões curta e longa do texto, por não serem o objetivo desse trabalho.

judeu da diáspora, egípcio, cuja língua materna seria provavelmente o aramaico ou mesmo hebraico (fato que explicaria os semitismos do texto), conhecedor da história e da tradição judaicas e, ao mesmo tempo, da cultura e cenário do Egito, usados em sua obra. Aceitaremos, neste trabalho, essa visão consensual sobre o texto e, a partir dela, procuraremos perceber o que essa obra pode nos indicar a respeito da discussão sobre identidade judaica, em seu contexto.

Entretanto, dizer que o texto foi produzido por um judeu da diáspora no período de formação do que chamamos de “judaísmo” não é suficiente para esclarecer suas intenções. Sabemos que o que chamamos de “judaísmo”, neste período, era quase apenas um “rótulo” que abrigava as mais variadas tendências – que vão dos fariseus e saduceus ao misticismo escatológico, passando por zelotas, essênios, entre outros. Além disso, devemos considerar que o judaísmo da Diáspora teve que enfrentar situações e problemas diferentes do Palestino<sup>2</sup>.

Qual(is) o(s) grupo(s) judaico(s) é(são) representado(s) no texto? Quais questões se mostram problemas relevantes, a ponto de serem discutidas no texto, e quais pontos de vista o texto defende, acerca dessas questões? Essas são algumas das questões que procuraremos abordar a partir de elementos do próprio texto.

### ***O Que Nos Revela O Gênero Literário***

Como dissemos, o gênero literário do texto é a novela – uma história para ser contada com o intuito de, a partir da admiração e identificação com os personagens, leva os ouvintes a refletirem sobre suas vidas, atitudes e valores. Para isso, o autor utiliza histórias que já faziam parte da memória do povo, e que já haviam sido assimiladas como histórias fundantes da identidade de Israel

---

<sup>2</sup> Por exemplo, é interessante percebermos o fato de que nosso texto tenha sido conservado por círculos cristãos e não judeus, e isso nos leva a pensar que o judaísmo que se desenvolve posteriormente – judaísmo palestino – não tinha tanto interesse na manutenção e transmissão do texto de *José e Asseneth*.

– afinal, Jacó e José são patriarcas, e este é reconhecido como um modelo de piedade. O texto que temos, portanto, não traz uma “história original”, mas reconta uma história conhecida a partir de um novo contexto e de um ponto de vista (certamente acrescentando componentes) com o intuito de, através de uma memória comum, suscitar uma nova compreensão da realidade, ou defender um ponto de vista. Dessa forma, a questão da identidade no texto de *José e Asseneth* é discutida a partir da lembrança de uma história tradicional, a fim de produzir reflexão e identificação, como defende Machado:

Os contos milenares são guardiões de uma sabedoria intocada, que atravessa gerações e culturas; partindo de uma questão, necessidade, conflito ou busca, desenrolam trajetórias de personagens exemplares, ultrapassando obstáculos e provas, enfrentando o medo, o risco, o fracasso, encontrando o amor, o humor, a morte, para se transformarem ao final da história em seres outros, diferentes e melhores do que no início do conto. O que faz com que nós, narradores, leitores e ouvintes, nos vejamos com outros olhos. (MACHADO, R. *Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo: DCL, 2004).

Algumas características desse gênero literário são ressaltadas no texto, sendo de suma importância para a ideia que o mesmo pretende apresentar: os personagens são extremamente idealizados; os tópicos literários são facilmente identificáveis (amor à primeira vista, sofrimento causado pelo amor, separação transitória e a presença de um rival sem escrúpulos); presença de um componente de aventura, que dá à trama certo vigor, no final da obra, que até o capítulo 21 apresenta caráter um tanto monótono.

Apresentamos, a seguir, um breve resumo da história narrada e, em seguida, destacaremos alguns temas que consideramos fundamentais, dentro da construção do livro, para a análise da ideia de identidade judaica presente no texto.

### ***Primeira parte – Capítulos 1 a 21 – José e Asseneth***

**Capítulo 1:** Apresentação do cenário e época em que se desenvolverá a história, a saber, no Egito, durante o primeiro dos sete anos de abundância previstos através do sonho de faraó (Gênesis); Chegada de José a Heliópolis, cidade em que o pai de Asseneth é governador (sátrapa) e Sacerdote. Apresentação da fama de Asseneth (descrição de sua beleza e da disputa que causava entre diversos pretendentes);

**Capítulo 2:** Apresentação e descrição de Asseneth e seu “mundo” – descrição da Torre em que habitava, na mansão de seus pais, de sua vida de luxo e adoração aos deuses egípcios;

**Capítulo 3:** Anúncio da visita de José a Pentrefés (o pai de Asseneth), e a chegada destes à mansão (estavam “no campo”);

**Capítulo 4:** Asseneth encontra-se com seus pais, e fica furiosa quando seu pai lhe diz que quer casá-la com José, desdenhando José por ser estrangeiro. Nesse capítulo, é interessante a descrição/apresentação de José, feita por Pentrefés: “José, o forte de Deus... varão poderoso, prudente e virgem, cheio de sabedoria e conhecimento, espírito divino, e a graça do Senhor está com ele”;

**Capítulo 5:** José chega à casa de Asseneth, e é recepcionado pelos pais da moça. Descrição da realeza de José: carruagem de ouro, roupas alvíssimas, etc;

**Capítulo 6:** Asseneth vê José pela janela, e se arrepende de havê-lo desprezado, e de suas palavras. Ela ora “ao Deus de José” pedindo perdão por suas palavras. Interessante perceber que nessa oração – a primeira de Asseneth – ela ainda não se arrepende se sua idolatria, mas de haver desprezado José. O tom do texto é bastante “romântico”, dando a idéia de “amor à primeira vista”...

**Capítulo 7:** Esse capítulo é de fundamental importância, pois levanta algumas questões interessantes, das quais trataremos adiante: José chega à casa de Pentefrés, é tratado com honra, mas não se mistura, não come com os egípcios – é colocada para ele uma mesa à parte, em seu próprio banquete! Além disso, é dada ênfase na pureza de José que, embora muito assediado, mantém-se puro e não aceita ter nenhum relacionamento com mulheres estrangeiras, o que faz com que se incomode com a presença de Asseneth – sem saber quem é ela, ele a vê na janela e pede que a mandem embora, sendo esclarecido em seguida de que trata-se da filha de Pentefrés, “irmã” de José por ser pura como ele.

**Capítulo 8:** O encontro de José e Asseneth, a sua apresentação como “irmãos” porque compartilham da pureza e da recusa por casar-se com estrangeiros! No entanto, José se recusa a beijar Asseneth, por considerá-la impura, especialmente devido ao que ela come; Esse ponto é de suma importância, e voltaremos a ele adiante.

O texto apresenta o seguinte contraste entre José e Asseneth (nas palavras de José):

<b>José, o “judeu piedoso”</b>	<b>Asseneth</b>
Bendiz (com sua boca) o Deus vivo	Bendiz e beija (com sua boca) imagens mortas e mudas
Come o pão bendito da vida	Come carne estrangulada (= sacrificada a ídolos)
Bebe o cálice bendito da imortalidade	Bebe o cálice da traição (= idolatria, bebida consagrada a ídolos)
Unge-se com a unção da incorruptibilidade	Unge-se com a unção da perdição

Diante da tristeza de Asseneth diante da rejeição, e dando seqüência ao teor “romântico” da narrativa, José ora por Asseneth, como que pedindo “autorização” para casar-se com ela. O pedido de José parece aludir à conversão como um verdadeiro novo nascimento, que fará com que deixe de ser estrangeira (aqui, a ênfase parece não ser étnica, mas religiosa). Eis a síntese dos pedidos de José a Deus: vivificar e bendizer (a Asseneth); renovar com o Seu sopro; remodelar com a Sua mão, revificar com Sua vida, para que ela possa comer o pão da vida, beber o cálice da bênção e penetrar no descanso preparado para os eleitos de Deus.

As palavras da oração de José serão repetidas pelo anjo mensageiro, nos capítulos seguintes, como veremos.

**Capítulo 9:** Asseneth se retira para seu quarto, e há, nesse texto, a descrição de um misto de sentimento muito interessante: ela está alegre, triste e com

medo, ao mesmo tempo! Esse capítulo marca o início da “conversão” de Asseneth: ela transpira densamente, chora copiosa e amargamente, e começa a se apartar de seus deuses. José parte, prometendo voltar ao 8º dia...

**Capítulo 10:** Descrição da “penitência” de Asseneth (que dura sete dias):

- Choro, jejum, insônia;
- Espalha cinzas pelo chão;
- Veste-se de negro e tira todos os adornos;
- Joga suas roupas preferidas e adornos pela janela, para os pobres;
- Tritura seus deuses de ouro e prata e lança aos mendigos;
- Joga fora seus alimentos consagrados;
- Veste-se com um cinto de pano de saco (sobre o vestido);
- Solta os cabelos (tira os enfeites);
- Prostra-se na cinza, golpeando peito, chorando e soluçando.

**Capítulo 11:** Esse “capítulo” tem apenas um versículo que fala que, no 8º dia, Asseneth ergue a cabeça, mas não consegue se mexer devido ao tempo em que ficou prostrada.

**Capítulo 12:** Oração de Confissão de Asseneth – ela confessa seus pecados, especialmente a idolatria e arrogância, e pede proteção de Deus contra os inimigos, pedindo que Deus seja o seu “refúgio”.

**Capítulo 13:** Continuação da oração de Asseneth, em que esta se declara “órfã”/ abandonada pelos pais, pede perdão por ter falado mal de José e pede que lhe seja concedido ser ao menos sua “serva”.

**Capítulos 14 e 15:** Epifania celeste: Asseneth recebe a visita de um anjo, que chega em uma estrela e se intitula “o chefe do exército de Deus”. Diante da prostração de Asseneth diante dele, o anjo manda que ela se levante, se arrume, coloque uma roupa nova, para receber a mensagem que trazia. O anjo então lhe diz para não temer, pois seu nome estava escrito no livro da vida e não seria apagado. Repetindo as palavras que José dissera em sua oração, o anjo lhe diz que, a partir daquele dia, ela seria “renovada, remodelada e revivificada”, e comeria o pão da vida, beberia o cálice da imortalidade e seria unguida com a unção da incorruptibilidade. O anjo também lhe diz que ela seria uma “cidade de refúgio” em que se refugiariam muitas nações e em que seriam protegidos aqueles que se unissem a Deus pela conversão. Asseneth mais uma vez se prostra, alegre com as palavras, e “convida” o anjo para uma refeição, como prova de que suas palavras eram verdadeiras, e que ela tinha realmente sido aceita por Deus.

**Capítulo 16:** Esse capítulo continua a epifania, e é muito interessante por apresentar uma cena de refeição bastante interessante: diante do “convite” de Asseneth de preparar uma refeição para o anjo, este lhe pede um favo de mel. Como não o tinha, Asseneth se dispõe a mandar buscar, mas o anjo faz com que apareça milagrosamente um favo de mel sobre a mesa de Asseneth. Esse favo de mel parece, na descrição, com o *mannah* do Antigo Testamento: “branco e brilhante como a neve, com aroma como de perfume”. O anjo lhe diz

que aquele mel era preparado pelas abelhas do paraíso, e que os anjos se alimentavam dele, e que aqueles que se unem a Deus pela conversão comeriam dele, e não morreriam jamais. O anjo e Asseneth comem do mel, e segue-se uma cena muito interessante: surgem do favo abelhas que cercam e posam em Asseneth, dos pés à cabeça, enquanto outras tocam Asseneth nos lábios<sup>3</sup>. O anjo repreende as abelhas, que morrem e depois ressuscitam.

**Capítulo 17:** Fim da epifania, com a confirmação do anjo de que todas as suas palavras se cumpririam. O favo e o mel restantes são consumidos por um fogo que sobe da mesa, e Asseneth pede para que o anjo abençoe suas jovens criadas, o que ele faz, antes de ser arrebatado ao céu num carro de fogo.

**Capítulo 18:** Anúncio do regresso de José e preparação de Asseneth para recebê-lo.

**Capítulo 19:** Asseneth recebe José, e este lhe diz que recebeu uma mensagem do céu a respeito dela, e se abraçam.

**Capítulo 20:** Asseneth recebe José em sua casa, e lava os seus pés (função de uma esposa judia!), mesmo diante do protesto de José. O texto enfatiza que José beija (repetidamente) a mão de Asseneth, e esta lhe beija a cabeça, mostrando que a recusa anterior de José em beijar Asseneth havia sido superada. Ao contrário do que Asseneth diz em sua oração, porém seu pai se

---

<sup>3</sup> Na versão mais longa do texto, há um terceiro grupo de abelhas que aparentemente querem fazer mal a Asseneth e, por isso, morrem.

alegra ao vê-la com José, e só não realiza o casamento porque José quer que Faraó o faça.

**Capítulo 21:** José e Asseneth se casam diante de faraó, que a abençoa.

## **Segunda Parte – Capítulos 22 a 29**

**Capítulo 22:** Passaram-se os sete anos de abundância, e se iniciam os sete anos de fome, que fazem com que José reencontre sua família. Esse capítulo trata desse reencontro, ressaltando a recepção de Asseneth como filha por Jacó. O capítulo apresenta outro personagem que será importante nessa parte da história, ressaltando ser profeta, um varão piedoso e temeroso ao Senhor: Levi, que confirma ter visto (como profeta) um lugar no céu para Asseneth.

**Capítulo 23:** O filho de faraó vê José e Asseneth em sua viagem de volta, e reacende o desejo que tinha por ela, e decide matar José para casar-se com a mesma. Para isso, tenta convencer Simeão e Levi a ajudá-lo, prometendo-lhes recompensas e ameaçando-os caso se recusem. Simeão se irrita contra o filho de faraó, e deseja matá-lo, mas é impedido por Levi, que lembra ao irmão que um “homem piedoso” não deve devolver o mal com mal.

**Capítulo 24:** O filho de faraó não desiste de seu intento, e dessa vez manda chamar Dan, Gad, Aser e Naftali, os filhos das servas de Lia e Raquel, e os convence a ajudá-lo, dizendo ter ouvido José dizer que os mataria assim que Jacó morresse. O filho de faraó promete matar seu próprio pai, pois este,

segundo ele, gostava muito de José. Prepara-se, então, uma emboscada, em que José deveria ser morto, e Asseneth (que estaria em viagem, acompanhada por Benjamim), raptada.

**Capítulo 25:** O filho de faraó não consegue matá-lo, e segue, encolerizado, na execução do restante do plano, bem como os irmãos de José.

**Capítulo 26:** Asseneth viaja para sua fazenda, enquanto José se ocupa da distribuição dos grãos. Dá-se a emboscada, e os guerreiros que estavam com Asseneth são todos mortos. Ela foge em seu carro, com Benjamim. Levi, como profeta, sabe do que está acontecendo e, com os outros irmãos de José, vai ao encontro de Asseneth. Como parte do plano, o filho de faraó aguardava a passagem do carro de Asseneth para seqüestrá-la.

**Capítulo 27:** Benjamim, que estava no carro com Asseneth, descrito como um jovem lindo, forte e corajoso, vê o filho de faraó, desce do carro e, com uma pedra, o atinge na frente esquerda, causando uma ferida mortal. Com a ajuda de Asseneth, atinge os cinqüenta arqueiros que acompanhavam o príncipe e os mata. Enquanto isso, os filhos de Lia (Rubem, Simeão, Levi, Judas, Isacar e Zebulom) perseguem os homens que estavam emboscados, e matam sozinhos os dois mil homens. Apavorados, os “irmãos maus” planejam matar Asseneth e Benjamim, mas diante de Asseneth suas espadas caem de suas mãos e se dissolvem como cinzas.

**Capítulo 28:** Os irmãos de José reconhecem que Deus está ao lado de Asseneth, e lhe imploram misericórdia. Como cumprimento das palavras do

anjo, ela promete que intercederá por eles diante dos outros irmãos, sendo “cidade de refúgio” para os arrependidos. De fato, ela faz isso, pois o desejo de Levi e dos demais era matar os quatro irmãos, e são convencidos por ela a “não pagarem mal por mal”. *“E assim Asseneth os salvou da cólera de seus irmãos”*.

**Capítulo 29:** Benjamim corre ao encontro do filho de faraó, para matá-lo, mas é impedido por Levi, que o convence a levar o príncipe para seu pai. Contudo, o príncipe morre devido à ferida, e seu pai morre de tristeza, deixando a coroa para José, que reina no Egito por quarenta e oito anos, entregando em seguida o reino ao neto de faraó.

Percebemos que alguns temas se destacam na narrativa, sendo recorrentes e freqüentes. Isso nos faz pensar no contexto em que o autor escreve, e na mensagem que queria transmitir. Destacamos alguns desses temas, que julgamos relevantes à nossa procura por indícios de construção da identidade judaica na comunidade a que o texto se dirigiu:

### ***A Questão do casamento misto***

O livro de *José e Asseneth* apresenta-se, como podemos notar, como uma apologia aos casamentos mistos, ou seja, aos casamentos entre judeus “de sangue” e não judeus. Todavia, o livro estabelece um critério para que esses casamentos aconteçam: a conversão do não judeu ao Deus de Israel, ou ao judaísmo. Isso se torna claro, em nosso texto, desde o encontro e enamoramento de José e Asseneth, o pedido de José para que Deus a “vivifique” até o reencontro e casamento de ambos, após a conversão de Asseneth, que é visível.

Podemos notar alguns pontos interessantes:

**Primeiro**, que o critério para o estabelecimento de fronteiras não é mais “hereditário”, mas cada vez mais religioso. Através da conversão, o prosélito passa a fazer parte do povo de Deus. A conversão, inclusive, apresenta-se como uma nova criação, como um novo nascimento para a pessoa, em que esta passa a ser verdadeiramente parte da comunidade de Israel. Assim temos a oração de José por Asseneth:

... vivifica e abençoa a esta donzela. Renova-a com teu sopro, remodela-a com a tua mão e revivifica-a com a tua vida... e que ela penetre no descanso que tens preparados para teus eleitos. (JosAs 8. 10,11).

Quando Asseneth prepara-se para encontrar com Jacó, depois do casamento, essas são suas palavras: “Irei ver teu pai, pois ele, Israel, é também o meu pai” (JosAs 22.3)

A segunda parte do livro, inclusive, parece querer demonstrar que “nascer” judeu, ser descendente direto do patriarca Jacó, não é garantia de justiça, uma vez que os próprios irmãos de José são apresentados como traidores, e Asseneth, a convertida egípcia, é que faz às vezes de “bom judeu”, perdoando e intercedendo por eles: “Irmão (Asseneth fala a Simeão), não devolvas mal por mal ao teu próximo, porque é o Senhor quem vingará esse ultraje.”

**Segundo**, a religiosidade é muito mais ética/moral do que ritual/sacrificial. O que caracteriza o “bom judeu” é o cotidiano, a pureza (comensalidade, pureza sexual) e os atos (misericórdia, perdão). Esse ponto parece fazer jus ao “judaísmo sem templo” da diáspora.

**Terceiro**, é fundamental que percebamos que permanece a idéia de separação de grupos, e de “superioridade de Israel” sobre demais povos/religiões. A aceitação de pessoas de outras nacionalidades se faz possível *desde que* estas se convertam ao Deus de Israel – essa conversão significa abandono dos deuses e costumes, e o abandono de um modo de vida e de um grupo social, a fim de poder pertencer a outro grupo.

Podemos dizer que o autor, de certa forma, não aceita ou defende o casamento “misto”, uma vez que, a partir da conversão (anterior ao casamento), a pessoa deixa de ser “outro” e torna-se “nós”. Não existe superação da idéia de separação, mas uma mudança de perspectiva, que permite a participação de pessoas de outras nacionalidades, sem “rebaixar o padrão” – ao contrário, a conversão continua representando um compromisso ético muito sério, que deve ser visto e percebido em todo modo de vida do convertido, como foi com Asseneth.

Pensamos que essa questão, destacada no texto, nos mostra muito acerca do contexto em que o mesmo surgiu, pois como dissemos, o uso da história tradicional de José, a exposição do fato deste haver se casado com uma egípcia, são um argumento muito forte para defender o casamento entre judeus “de sangue” e prosélitos. Além disso, o texto expõe essa preocupação estendendo a preocupação de José em dizer que, para as mulheres “judias”, vale a mesma regra: “Igualmente, tampouco é permitido a uma mulher piedosa beijar um homem estrangeiro, pois isso é abominação para Deus” (*Jos As 8.7*)

Se considerarmos que não há nenhuma personagem “judia” na história, podemos perceber a intenção do autor de estabelecer limites acerca do casamento. Aqui percebemos nitidamente o caráter duplo da permissão de casamentos “mistos” e da identidade, pois o relacionamento só é permitido a partir da conversão, como se dá com José e Asseneth, e qualquer outra forma de relacionamento configura-se como “abominação”.

## ***O verdadeiro adorador de Deus e a Comensalidade***

Um ponto destacadíssimo no texto de JosAs é a questão da comensalidade, que abrange não apenas a questão acerca do que se come, mas também como e com quem se faz isso.

Sabemos que “comer” não é um ato solitário e autônomo. Ao contrário, é a origem da socialização. Ao nos alimentar, nutrimos e fortalecemos nosso corpo (que é o que somos) e, ao partilhar alimento, atribuímos a esse ato sentidos e significados que podem definir limites sociais, pois “alimento compartilhado” é “vida compartilhada” e pode ser compreendido como “vida comum”. Dessa forma, não é de estranhar que a identidade de alguns grupos e, em especial a identidade religiosa, seja definida muitas vezes pela alimentação. Isso parece ser uma verdade presente em Israel, desde o início de sua história, e se torna muito patente em JosAs.

Dessa forma, como delimitador da identidade do grupo, a idéia de “regime”<sup>4</sup> parece bastante apropriada para estabelecer limites, regras, leis, que regem a relação das pessoas com a comida e com as outras pessoas. As “regras alimentares” em JosAs e a ênfase dada a essas regras, inclusive no que diz respeito à conversão de Asseneth, precisam ser destacadas:

- Com quem se come: José não come com estrangeiros, com impuros, nem mesmo no banquete que é preparado para ele na casa de Pentrefés: “... e Pentrefés lhe pôs uma mesa à parte, pois José não comia com os egípcios, pois isso era para ele uma abominação” (JosAs 7.1)
- O que se come/como se come: interessante percebermos que os elementos alimentares presentes no texto parecem comuns tanto a José (ao grupo “judeu”) como aos egípcios: pão, vinho, azeite. No

---

<sup>4</sup> Derivado do *rex* latino, rei

entanto, tais elementos se diferenciam em qualidade: José define seu alimento como “pão bendito da vida, cálice bendito da imortalidade e unção bendita da incorruptibilidade”, enquanto o dos pagãos: “pão de morte, carne sufocada, cálice da traição e unção da perdição” (JosAs 8.5). Embora exista a discussão se esses elementos não se refeririam a cultos e rituais, cremos que o contexto do livro e a ênfase dada indique alimentação costumeira, inclusive porque José, ao recusar o beijo de Asseneth no cap 8, o faz porque “sua boca é impura” devido ao contato com os alimentos que, embora sejam praticamente os mesmos, são utilizados de forma errada. Além disso, a menção de que José comia “separado” dos egípcios, o jejum completo de Asseneth para purificação (cap 10,11) e a recusa do anjo pelo alimento de Asseneth (cap 16,17) parecem demonstrar essa realidade de preocupação com a alimentação cotidiana.

Em outras palavras, “comer” demonstra o estilo de vida que a pessoa leva, demonstra quem ela é e a que grupo pertence. Nesse contexto, o texto destaca que o “bom judeu” é aquele que mantém as regras de pureza alimentar.

O encontro de Asseneth com o anjo, como veremos a seguir, recebe, nesse contexto, significação especial.

### ***A refeição de Asseneth com o anjo***

Percebemos a ênfase na refeição como elemento de inclusão e aceitação na refeição que acontece entre Asseneth e o anjo.

Mencionamos acima que Asseneth, em sua penitência, jejua por sete dias, o que nos faz perceber que ela não apenas jogou fora seus ídolos e alimentos consagrados, mas teve um tempo de “purificação” daquilo que havia comido anteriormente. Quando recebe o anjo, acontece um momento de

restauração: ele manda que ela se arrume novamente, e lhe transmite a mensagem de que ela fora aceita por Deus, renovada, recriada. Nesse momento da história, percebemos que a conversão de Asseneth já havia acontecido, ela já estava contada no livro da vida. Para comprovar isso, Asseneth propõe ao anjo uma refeição. Esses são pontos importantes em nossa análise: primeiro, a *conversão é anterior à refeição com o anjo*; segundo, é *Asseneth quem propõe a refeição*, como forma de confirmação da sua aceitação. Esses elementos do texto nos fazem pensar ser difícil entender essa parte do texto como um “rito de passagem”. Talvez fosse mais correto utilizarmos termos como “rito de confirmação”. Veremos a seguir que a intenção dessa parte do texto, com seu tom místico, é estabelecer a figura de Asseneth como um paradigma e como “fundadora” da possibilidade de conversão dos pagãos – uma cidade de refúgio!

Todavia, o anjo recusa o alimento de Asseneth. Mas não recusa comer com ela! De certa forma, o que acontece é que, de anfitriã, Asseneth torna-se convidada do anjo, que compartilha com ela de sua própria comida! Se pensarmos nas funções sociais da comida e no seu papel como definidora de identidade, como mencionamos acima, esse fato é muito significativo, pois comendo com um ser celestial a comida dele, não há como negar que Asseneth passa a “pertencer” a esse mundo, que não é o mundo dos anjos apenas, como o próprio anjo lhe diz, mas o mundo dos salvos, dos justos, dos aceitos por Deus... dos judeus!

Não há como negar o conteúdo místico e apocalíptico dessa passagem, pois o anjo pode ser comparado com um mediador apocalíptico. Todavia, cremos que este dado, nesse texto, parece ressaltar a grandeza do evento de Asseneth, sua singularidade, colocando-a como personagem especial, paradigmática, da conversão de pagãos.

A cena das abelhas, sua aparição também milagrosa e seu ato de cercar Asseneth parece-nos difícil de ser compreendida. Talvez tenha a ver com o fato de o mel ter sido caracterizado, na história, como “doador de vida”. Estariam as

abelhas “transmitindo” a Asseneth a possibilidade de ser “doadora de vida”, uma vez que o anjo lhe prometeu que seria uma “Cidade de Refúgio”? Deixamos essa questão em aberto, e entendemos que merece um estudo mais detalhado, inclusive acerca das tradições bíblicas acerca do mel e de abelhas, e de possíveis paralelos no mundo bíblico.

### ***José e Asseneth como protótipos e paradigmas***

Os elementos do texto destacados até aqui que ressaltam um particularismo ético e religioso, não parecem ser meramente literários, mas bastante reais na vida da comunidade do autor. Com o estabelecimento e/ou fortalecimento de padrões para o casamento misto, para a alimentação e para a vida moral, estabelecem-se limites bastante claros que visam definir quem pertence à comunidade, quem pode ou não ser chamado de “judeu”.

José e Asseneth aparecem, nesse sentido, como protótipos, como ideais: o judeu modelo, e o prosélito modelo. O próprio gênero literário da história, que visa gerar admiração e identificação com os personagens, a idealização dos mesmos, tanto fisicamente quanto com relação ao caráter e à fé, e especialmente o fato de a história remeter à tradição de José, a um personagem que já era conhecido e admirado, um patriarca de Israel, nos faz compreender isso, sobretudo se considerarmos o costume judeu de explicar e entender o presente a partir do passado. José e Asseneth, nesse romance, são mais do que pessoas – são paradigmas! Daí a importância de que todos os seus atos sejam “espetaculares”.

José aparece, assim, como um modelo de judeu – um justo: é ritual (não se contamina com alimentos e refeições impuros) e sexualmente puro (é virgem, não se contamina com mulheres estrangeiras), é temente a Deus, intercede por Asseneth, é leal e fiel a faraó, a ponto de receber a coroa quando de sua morte e, depois, devolvê-la ao seu neto. A religiosidade e fé de José fazem com que

seja reconhecido pelas demais pessoas, e seja identificado como o “forte de Deus” ou “filho de Deus”, indicando que a religião deve ser vivida no cotidiano, a fim de ser percebida.

No caso de Asseneth, essa questão ainda é mais patente. Ela é “Cidade de Refúgio”. No Antigo Testamento, as “Cidades de Refúgio” são estabelecidas, desde antes da entrada do povo de Israel na terra prometida, para abrigar aqueles que sem querer tenham ferido e matado alguém. É um lugar onde o “vingador de sangue” não poderia fazer mal (Nm 35.11-15). Essas cidades ofereceriam abrigo não apenas aos israelitas, mas também aos estrangeiros que dela precisassem. O tradutor da Septuaginta traduziu esse termo (estrangeiro) como “convertido” em sua versão, o que fez com que as cidades assumissem nova significação: “lugar de abrigo para os convertidos”. Além disso, os profetas já haviam dado uma nova conotação para as Cidades de Refúgio, estabelecendo, na verdade, Jerusalém (que não era uma das seis apresentadas em Josué 20.7-8) como refúgio para os convertidos. Asseneth, como “cidade de refúgio” é aquela que proporcionará abrigo a pecadores e convertidos! Ela é, dessa forma, o paradigma para aqueles que buscam a Deus através de arrependimento e conversão, uma segurança de que serão aceitos diante de Deus, e um modelo de conduta para todos os convertidos. Sua mudança de vida e de atitude, o abandono de seu estilo de vida anterior, seu comportamento exemplar (incluindo o perdão aos inimigos), mais do que um modelo, deveriam ser um estímulo e um referencial – talvez uma forma de se verificar se alguém era ou não de fato um “convertido”.

### ***Conclusão: Ser Judeu em José e Asseneth – uma moral elevadíssima***

Procuramos demonstrar, ainda que bastante resumidamente, que o livro de *José e Asseneth* apresenta uma série de padrões de conduta que visam

esclarecer quem pode ser chamado de “judeu”, e vemos que mesmo os convertidos, prosélitos, podem fazer parte dessa definição que é cada vez mais religiosa e menos étnica. Não que o texto defenda um abandono da etnicidade, ao contrário, ela continua sendo valorizada, e podemos perceber inclusive no texto a possibilidade do estabelecimento de diferenciação entre o “bom judeu” representado por José, especialmente, e por Levi, na segunda parte do livro, e os “maus judeus”, aqueles que pertencem etnicamente ao grupo, mas não fazem jus, com sua atitude, ao que é “ser judeu”. O “bom judeu”, conforme descrito no texto, é aquele que guarda as regras de pureza, como José, e que tem um comportamento ético e moral de justiça e perdão, como descrito na segunda parte da história pelos comportamentos de Asseneth e Levi.

Pensamos, como dissemos anteriormente, que a história demonstra preocupações relevantes ao judaísmo da diáspora, porém sabemos que havia vários grupos representados nesse judaísmo. Portanto, fica a questão: para qual grupo teria sido escrito o texto, uma vez que o mesmo contém elementos tradicionais (a história de José), ao mesmo tempo em que apresenta passagens místicas com referências apocalípticas (além do Asseneth e o anjo, destaca-se a figura profética de Levi, que tem “visões”) e ênfase na pureza. Não pretendemos responder a essa questão, mas a lançamos para discussão e pesquisa posterior.

De qualquer forma, ao olharmos o texto buscando perceber o que o mesmo tem a nos dizer acerca da identidade do grupo que o recebeu, e entendendo identidade como a consciência que cada pessoa ou grupo tem de si mesmo e as características capazes de diferenciá-la ou diferenciar o grupo dos demais, consciência que faz com que a pessoa ou grupo estabeleça valores, atitudes e princípios que visem orientar suas ações, percebemos no texto de JosAs a construção ou defesa de padrões de conduta bastante elevados, e de regras bastante rígidas, ao contrário do que se poderia esperar de um texto que apresenta simpatia com a presença de estrangeiros na comunidade.

## **Bibliografia**

BROOKE, George. Men and Women as Angels in Joseph and Aseneth. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.2, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2005.

BURCHARD, Christoph. The Text of Joseph and Aseneth Reconsidered. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.2, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2005.

CHARLESWORTH, J. H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Expansions of the Old Testament and Legends, Wisdom and Philosophical Literature, Prayers, Psalms, and Odes, Fragments of Lost Judeo-Hellenistic Works. Nova Iorque, Doubleday, 1985, vol.02, 1006p.

CHARLESWORTH, J. H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Apocalyptic Literature and Testaments. Nova Iorque, Doubleday, 1983, vol.01, 942p.

CHESNUTT, R. D. *From Death to Life: Conversion in "Joseph and Aseneth"*, Sheffield Academic Press, Sheffield, 1995 (Journal for the Study of the Pseudepigrapha Series 16).

CHESNUTT, R. D. Revelatory Experiences Attributed to Biblical Women, "Women Like This" *New perspectives on Jewish Women in the Greco-Roman World*, Ed. A.-J. Levine, Society of Biblical Literature, Early Judaism and Its Literature 1, Scholars Press, Atlanta, 1991.

CHESNUTT, Randall D. Perceptions of Oil in Early Judaism and the Meal Formula in Joseph and Aseneth. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.2, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2005.

COLLINS, J. J. *Between Athens and Jerusalem: Jewish Identity in the Hellenistic Diaspora*. New York, Crossroad, 1986.

COLLINS, John J. Joseph and Aseneth: Jewish or Christian? *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.2, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2005.

KRAEMER, R.S. *When Aseneth Met Joseph. A Late Antique Tale of the Biblical Patriarch and his Egyptian Wife Reconsidered.* New York/Oxford, Oxford University Press, 1998.

LIEBER, Andrea; I Set a Table before You: The Jewish Eschatological Character of Aseneth's Conversion Meal. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.1, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2004.

MACHADO, R. *Acordais – fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.* São Paulo, DCL, 2004.

MACHO, A. D. (ed). *Apócrifos Del Antiguo Testamento.* Madrid, Ediciones Cristiandad, 1982, Tomo III.

PIXLEY, Jorge (ed.). Cristianismos Originários Extra-palestinos (35-138 d.C.). *Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana* 29, Petrópolis, Vozes, 1998.

PORTIER-YOUNG, Anthea E. Sweet Mercy Metropolis: Interpreting Aseneth's Honeycomb. *Journal for the Study of the Pseudepigrapha* 14.2, London/Thousand Oaks, CA/New Delhi, SAGE Publications, 2005.

STANDHARTINGER, Ângela. *Weisheit in Joseph und Aseneth und den paulinischen Briefen.* In: *New Test. Stud.* Printed in the United Kingdom. Cambridge University Press. 2001